

ANTIGUIDADES LEILÃO

Hoje e dias seguintes das 14 às 19 e das 21 às 24 horas

do sumptuoso mobiliário antigo, famosas pinturas do séc. XVI, XVII e XVIII, raras porcelanas orientais das dinastias Ming e Thsing, preciosos jades, interessantes vidros antigos, um conjunto de magníficas esculturas de mármore e bronze, dignas de figurarem em museus, ricas tapeçarias ornamentais do séc. XVII, bordados e tecidos, belos lustres antigos de cristal e vidro de Venesa, bons tapetes persas e todo o recheio que guarnece em Sintra o

PALACIO DE MONSERRATE

Realizando-se o leilão no Palácio de Monserrate em Sintra e tendo este de ser entregue num curto lapso de tempo, somos obrigados a fazer esta sensacional venda, sem um catálogo em que, embora sucintamente se descrevessem algumas das admiráveis e maravilhosas peças que constituem este notável conjunto de arte. No entanto, estamos desde já à disposição dos nossos Ex.^{mos} Amigos e Clientes para lhes prestar todas as informações que desejem e facultar o exame das peças que lhes interessarem e que pelo seu número e qualidade se torna impossível discriminar em anúncio.

LEIRIA & NASCIMENTO, L.^{DA} — Casa Liquidadora

292, 1.º, Esq., Rua do Ouro — Telefone 2 9498

1946. MONSERRATE EM LEILÃO

Hugo Xavier

“Realizando-se o leilão no Palácio de Monserrate em Sintra e tendo este de ser entregue num curto lapso de tempo, somos obrigados a fazer esta sensacional venda sem um catálogo em que, embora sucintamente se descrevessem algumas das admiráveis e maravilhosas peças que constituem este notável conjunto de arte.”

Com esta advertência, alguns dos nossos periódicos anunciavam, em novembro de 1946, a apressada venda em hasta pública do recheio artístico reunido por Sir Francis Cook (1817-1901) no emblemático palácio sintrense que adquirira e remodelara para residência de veraneio na segunda metade do século XIX. Dado o declínio da fortuna da família, em parte consequência da Primeira Guerra Mundial, os seus descendentes vinham desde 1928 tentando a venda da propriedade e seu recheio, mas apenas no pós-Segunda Guerra que comprometeu ainda mais as finanças dos Cook aquela teve lugar. Coube a Francis Ferdinand Cook (1907-1978) a alienação do património móvel e imóvel constituído pelo seu bisavô, tendo procurado sem sucesso a sua aquisição pelo Estado, consciente do interesse histórico-artístico que possuía para o concelho de Sintra, conforme vinha sendo reivindicado pela autarquia¹. Na ausência de qualquer decisão governamental, e perante as hipotecas que vinham sendo feitas sobre a propriedade, Francis Ferdinand acabou por fechar negócio com um português de ascendência hebraica, Saul de Salazar Moscoso Saragga (1894-1964)², destacado comerciante e empresário responsável à época pela gestão de uma vintena de empresas em diferentes ramos de atividade, mercado de antiguidades incluído³. Os investimentos no ramo imobiliário, muitas vezes em parceria, ocuparam parte importante da sua ação enquanto empresário⁴.

Em 1946, a imprensa noticiava ter a venda incluído o palácio e o respetivo recheio, falando num grupo de capitalistas encabeçado por Saragga com o objetivo de proceder à exploração da propriedade, um empreendimento hoteleiro de luxo especulava-se⁵.

Anúncio do leilão do recheio do Palácio de Monserrate publicado no *Diário de Lisboa*, 9 de novembro de 1946.

¹ Maria João Neto, *Monserrate: a casa romântica de uma família inglesa* (Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015), 118-119; 122.

² José Maria Abecassis, *Genealogia hebraica: Portugal e Gibraltar sécs. XVII a XX*, vol. III (Lisboa, Gabay - Serfaty, 1991), 676-678.

³ Segundo depoimento telefónico do Eng. José Manuel Saragga, filho de Saul Saragga, 24 de agosto de 2017.

⁴ Em 1935, com Joaquim Fernandes, Saul Saragga comprou o Palácio da Cruz da Pedra, antigo convento de Santo António da Convalescença, na estrada de Benfica, n.º 125. Em conjunto com Jorge Soriano e António Maria Cardoso, foi também proprietário do Café Portugal, inaugurado em 1938 na Praça D. Pedro IV (Rossio), com qualificado projeto de Cristino da Silva. Foi ainda promotor com Fortunato Silva do edifício de habitação da avenida Casal Ribeiro, n.º 12-12C, obra do arquiteto Fernando Silva, distinguida com o prémio Valmor em 1946.

⁵ “O recheio artístico do Palácio de Monserrate está em leilão”. *Diário de Lisboa*, 9 de novembro de 1946, 5.

Anúncio da venda da propriedade publicado no *The Times*, 7 de novembro de 1929.

KNIGHT, FRANK & RUTLEY,
20, HANOVER-SQUARE, W.1.

LANDED ESTATES, COUNTRY AND TOWN PROPERTIES, &c.

BY ORDER OF A. C. BURNETT, ESQ.
DEVONSHIRE, BUCKINGHAMSHIRE,
A WALKING AND SPORTING ESTATE,
WITH SALMON FISHING IN THE TWEED.
A BEAUTIFUL PROPERTY SITUATED IN THE BOWLANDS OF THE WEST OF SCOTLAND.
1,200 ACRES.



BY ORDER OF COLONEL THE HONORABLE G. V. A. MONTAGU-AUSTRIAL.
NOTTINGHAMSHIRE,
A BEAUTIFUL PROPERTY SITUATED IN THE BOWLANDS OF THE WEST OF SCOTLAND.
THE FREEHOLD ESTATE, INCLUDING AND ADJOINING THE
SEELBY HALL
EXTENDING TO ABOUT
470 ACRES.



BY ORDER OF COLONEL THE HONORABLE G. V. A. MONTAGU-AUSTRIAL.
NOTTINGHAMSHIRE,
A BEAUTIFUL PROPERTY SITUATED IN THE BOWLANDS OF THE WEST OF SCOTLAND.
THE FREEHOLD ESTATE, INCLUDING AND ADJOINING THE
SEELBY HALL
EXTENDING TO ABOUT
470 ACRES.

BY ORDER OF COLONEL THE HONORABLE G. V. A. MONTAGU-AUSTRIAL.
NOTTINGHAMSHIRE,
A BEAUTIFUL PROPERTY SITUATED IN THE BOWLANDS OF THE WEST OF SCOTLAND.
THE FREEHOLD ESTATE, INCLUDING AND ADJOINING THE
SEELBY HALL
EXTENDING TO ABOUT
470 ACRES.



BY ORDER OF COLONEL THE HONORABLE G. V. A. MONTAGU-AUSTRIAL.
NOTTINGHAMSHIRE,
A BEAUTIFUL PROPERTY SITUATED IN THE BOWLANDS OF THE WEST OF SCOTLAND.
THE FREEHOLD ESTATE, INCLUDING AND ADJOINING THE
SEELBY HALL
EXTENDING TO ABOUT
470 ACRES.

BY ORDER OF COLONEL THE HONORABLE G. V. A. MONTAGU-AUSTRIAL.
NOTTINGHAMSHIRE,
A BEAUTIFUL PROPERTY SITUATED IN THE BOWLANDS OF THE WEST OF SCOTLAND.
THE FREEHOLD ESTATE, INCLUDING AND ADJOINING THE
SEELBY HALL
EXTENDING TO ABOUT
470 ACRES.



BY ORDER OF COLONEL THE HONORABLE G. V. A. MONTAGU-AUSTRIAL.
NOTTINGHAMSHIRE,
A BEAUTIFUL PROPERTY SITUATED IN THE BOWLANDS OF THE WEST OF SCOTLAND.
THE FREEHOLD ESTATE, INCLUDING AND ADJOINING THE
SEELBY HALL
EXTENDING TO ABOUT
470 ACRES.

A LEIRIA & NASCIMENTO E O MERCADO DE ARTE EM PORTUGAL

Coube à Casa Liquidadora/Leiria & Nascimento a organização da almoeda, tendo antecipadamente procedido à avaliação do recheio que terá sido estimado em 2.850.000\$00, importância considerável atendendo ao valor de escrituração da propriedade, 6.500.000\$00⁸. Fundada em 1882 com a denominação de Bazar Católico, passando depois a ser designada por Casa Liquidadora, esta empresa foi durante décadas administrada por Maria Guilhermina de Jesus, conhecida no meio por “D. Guilhermina da Liquidadora”. Em 1933, começou a ser gerida pelo filho, Mário Leiria, que fez sociedade com João Filipe da Silva Nascimento (1891-1976), nascendo assim a Leiria & Nascimento, pouco depois considerada “o mais vasto e importante estabelecimento do seu género em todo o país”⁹.

Figura marcante do mercado de arte em Portugal no século xx, João Nascimento começou a trabalhar numa casa bancária e passou depois a investir no universo dos leilões, primeiro em sociedade e, por volta de 1945, como único proprietário da Leiria & Nascimento. Negociante arguto, tornou-se também um especialista em matéria de antiguidades, devendo-se-lhe a autoria de “Leitos e Camilhas Portugueses” (1950), tendo ainda colaborado com Augusto Cardoso Pinto em “Cadeiras Portuguesas” (1952), obras de referência no domínio do mobiliário antigo português.

Numa entrevista concedida em 1969, recordava que ao chegar à leiloeira, “ela tinha ainda um carácter bastante popular e fui eu que, lentamente, consegui ir modificando os seus sistemas de trabalho”. Os leilões eram então em Portugal, “uma actividade pouco profissional, feita em moldes muito diferentes dos estrangeiros” que se esforçara por implementar, merecendo-lhe especial cuidado a classificação das peças. “Posso gabar-me de ter feito a maior parte dos melhores leilões do País nos últimos anos” afirmava, dando como exemplo o do Palácio de Monserrate a par das coleções Burnay (Lisboa) e Barros (Porto), vendidas em 1936 e 1947 respetivamente¹⁰.

Nas décadas de 1930 e 1940 o mercado de arte nacional conheceu particular dinamismo pois às nossas coleções tardo-oitocentistas que se iam dispersando, associaram-se objetos e outras coleções provenientes primeiro de Espanha, na sequência da Guerra Civil, e depois dos países ocupados pelo Terceiro Reich. Muito embora Portugal tenha funcionado como placa giratória para muitas obras de arte cujo destino primordial era o continente americano, certo é que parte significativa foi negociada entre nós, para o que contribuíram também alguns negociantes oriundos daqueles países e por cá estabelecidos¹¹. A Leiria & Nascimento não ficou alheia a esta dinâmica, passando a organizar vendas com obras vindas do estrangeiro, sobretudo no domínio da pintura antiga. “Os leilões públicos reservam, nos tempos de guerra que ora atravessamos as mais imprevistas surpresas, trazendo para o mercado certas peças que o comprador ambiciona mas nunca esperaria poder adquirir” escrevia a leiloeira em 1942 na introdução a um dos seus catálogos¹².



Saul Saragga e um familiar junto ao Palácio de Monserrate, c. 1960. Foto Família Saragga.

Na realidade, seria apenas sinalizada a compra dos imóveis, com o pagamento de uma entrada, já que a escritura foi somente assinada a 30 de junho de 1947, em nome individual e não de um pretenso grupo⁶. Em relação ao recheio, e embora o nome de Saragga seja tradicionalmente associado à sua compra e consequente decisão de o leiloar, falham-nos informações documentais que permitam esclarecer com clareza o processo. Certo é que, perante a venda da propriedade e na perspetiva de lhe dar diferente uso, foi julgado conveniente deixar o palácio devoluto, o que explica a urgência do leilão.

⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 2.º cartório notarial de Lisboa, Notário Dr. Mário Rodrigues, Livro 220 A, escritura de 30 de junho de 1947, fol. 9v-13.

⁷ José Alfredo da Costa Azevedo, *Velharias de Sintra*, vol. IV (Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1982), 92-93 e Francisco Costa, *História da Quinta e Palácio de Monserrate* (Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1985), 41.

⁸ Francisco Costa, *op. cit.*, 41.

⁹ “O comércio na Avenida da Liberdade. Casa Liquidadora. Antigo Bazar Católico. Importante agência de leilões”. *Diário de Lisboa*, 9 de janeiro de 1935, 8

¹⁰ Carlos Plantier, “João Nascimento. ‘A maioria dos leilões são autênticas vigarices’”. *O Século Ilustrado*, 26 de junho de 1969, 29-31.

¹¹ Entre outros podem ser mencionados os nomes de Jacques Kugel, Moyses Milne, Elfride Marques Pereira, Eliezer Kamenesky, Raquel Sabat e Elena Ortega. A este respeito cf. Ana Mântua, “As aquisições do Dr. Anastácio Gonçalves e o mercado de arte em Portugal de 1925 a 1965”. *Museus palácios e mercados de arte* (Lisboa: Scribe, 2014), 70-80.

¹² *Catálogo de valiosas pinturas antigas do século xv ao xix para vender em leilão no dia 21 de Maio de 1942 às 17 horas sob a direcção de Leiria & Nascimento*, L.^{da}, 1.

O RECHEIO DO PALÁCIO DE MONSERRATE

O leilão do Palácio de Monserrate foi a primeira grande venda do pós-guerra realizada em Portugal, ocorrendo ainda no enquadramento comercial acima mencionado. O elevado número de peças a classificar, associado ao pouco tempo concedido para a organização da almoeda, impossibilitaram a organização de um catálogo, permanecendo assim irremediavelmente por documentar. Uma companhia fotográfica dos interiores do palácio empreendida pelos Estúdios Mário Novais nas vésperas do leilão permite-nos todavia reconstituir o acontecimento, sendo determinante para a identificação de obras hoje dispersas por coleções públicas e privadas. Um olhar atento às imagens revela a existência de etiquetas em papel coladas em todos os objetos, contendo a numeração de cada lote a ser licitado.

Ao compararmos essas fotografias com as resultantes de outras campanhas anteriores, nomeadamente a do inglês David Knights-Whittome (1905) constatamos, para além de alterações na decoração, com a mudança de local de algumas peças, a ausência de outras, reservadas e talvez alienadas pelos Cook ou mesmo por Saul Saragga, não chegando a ser colocadas em praça. Foi o caso de um busto de Francis Cook que se expunha no vão da escadaria interior, sobre uma mesa com tampo em mármore apresentando delicada decoração em mosaico italiano. O busto encontra-se ainda na posse da família Cook, enquanto a mesa pertence, com outras peças com a mesma proveniência, aos descendentes de Saul Saragga¹³. Alienada em data anterior ao leilão terá sido igualmente uma placa em mármore do Renascimento italiano com a representação em relevo da Virgem com o Menino, considerada uma das peças

¹³ Esta mesa surge ilustrada com um busto feminino em mármore in Luis Miguel Veiga, *Um novo olhar sobre a Quinta de Monserrate (Sintra): o aproveitamento museológico e para outros fins culturais de um conjunto de edifícios e respectiva área envolvente* (Dissertação de mestrado em Museologia e Património, FCSH-UNL, 1999), 33, figs. 58 e 59.

Mário Novais, fotógrafo, Escadaria principal, "Sala Indiana" e pormenor da etiquetagem do leilão, 1946. © Estúdio Mário Novais, BAFCG.



mais relevantes do acervo artístico reunido em Monserrate (cat. 1). Atribuída ao escultor florentino Gregorio di Lorenzo, esta peça foi classificada pelo Estado como bem de interesse nacional¹⁴, tendo sido adquirida recentemente pela Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A.

Com escassas incorporações efetuadas pelos descendentes de Francis Cook, o recheio a ser leiloado era essencialmente resultante das escolhas do colecionador, revelando um gosto eclético, à medida do edifício, como se verificava no mobiliário onde às peças portuguesas e indo-portuguesas, se associavam as inglesas, anglo-indianas, italianas, francesas e chinesas. Nem todas possuíam o estatuto de "objeto de coleção" dado o cariz utilitário e funcional de alguns móveis oitocentistas, contribuindo para o conforto doméstico de uma residência de verão. O essencial das coleções artísticas de Francis Cook fora aliás mantido na sua residência de Richmond, nos arredores de Londres, onde mandara construir uma galeria para expor os objetos de maior prestígio, com destaque para a pinacoteca considerada uma das mais representativas em mãos privadas de Inglaterra¹⁵.

Para Monserrate reservou um conjunto relativamente circunscrito de pinturas, com destaque para as palas de altar que decoravam a sala de jantar, merecendo maior atenção o núcleo de esculturas onde avultavam qualificados relevos em madeira, mármore e alabastro. A proximidade do colecionador com John Charles Robinson, autor de um catálogo do acervo de escultura italiana do South Kensington Museum de Londres (atual Victoria & Albert Museum) que ajudou a reunir na qualidade de superintendente daquele museu, poderá explicar a presença de algumas dessas peças na coleção.

¹⁴ Anúncio n.º 53/2015, *Diário da República*, 2.ª série, n.º 61, 27 de março de 2015.

¹⁵ A respeito da coleção de pintura de Sir Francis Cook cf. texto de John Somerville neste catálogo.



David Knights-Whittome, fotógrafo, Hall de entrada (pormenor) com o busto de Sir Francis Cook, 1905. © PSML.

Notável era ainda o conjunto de cerâmicas, bastante diversificado também mas onde sobressaíam dois agrupamentos: os vasos gregos que logo no século XIX, paralelamente a outras antiguidades da coleção, haviam merecido a atenção do arqueólogo alemão Wilhelm Gurlitt¹⁶; e as peças em porcelana da China, quer de exportação quer ao gosto chinês. Completavam o recheio a ser colocado em hasta pública os têxteis, de tapeçarias europeias a tapetes orientais, passando por colchas e panos de armar bordados, sem esquecer as pratas, as armas antigas, os vidros e variados de *objets d'art* de requintada execução.

Não tendo integrado o leilão, mas vendida em bloco separadamente, a biblioteca contabilizava “4500 livros raros, raríssimos e de extrema raridade”, possuindo “a melhor coleção de livros sobre a Antiguidade Clássica que existiu em Portugal”¹⁷. Assim se referia o anúncio publicado pelo *Diário de Notícias*, em dezembro de 1946, que menciona ainda os espécimes de literatura portuguesa, espanhola, francesa, inglesa, italiana e alemã dos séculos XV ao XIX, no valor total de 200.000\$00. Seria adquirida por Alberto Nascimento, proprietário da Livraria Barateira, ao Chiado, em conjunto com 129 desenhos arquitetónicos do palácio que em 1950 tentou vender ao Estado, sem sucesso¹⁸. Os livros acabaram por ser comercializados à unidade ou em pequenos lotes, o mesmo sucedendo eventualmente com os desenhos, desconhecendo-se a sua localização atual.

OS COMPRADORES DO LEILÃO

De acordo com os anúncios publicados na imprensa, o leilão foi agendado para o dia 9 de novembro, sábado, “e dias seguintes”, das 14:00 às 19:00 e das 21.00 às 24:00 horas, no que terá sido uma verdadeira maratona para colocar em praça todos os lotes. O *Diário de Lisboa* acompanhou de perto o evento, informando ter iniciado às 15:00 horas, embora muito antes já ali se encontrassem, “numerosas pessoas, principalmente das que estão ligadas ao comércio de antiguidades”. Acrescentava ter atraído “grande número de interessados que já nos últimos dias apreciaram as peças a leiloar”, entre os quais diversos particulares, sendo assinalada especificamente a presença de Ricardo do Espírito Santo Silva (1900-1955).

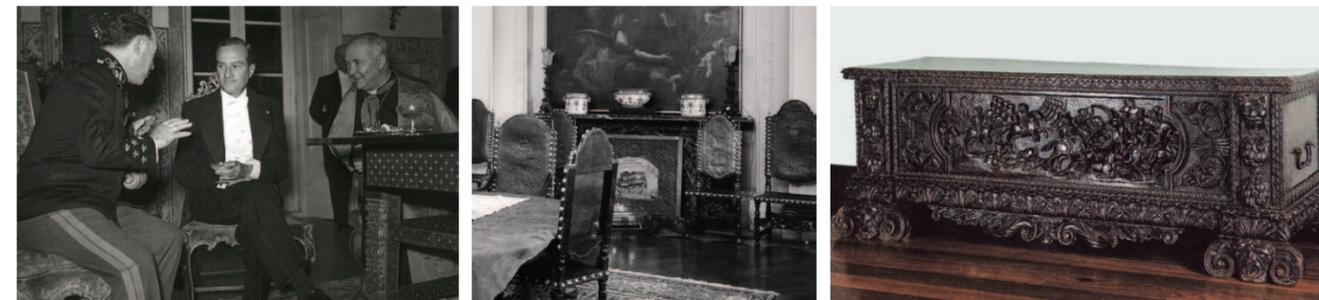
O conhecido banqueiro e empresário vinha desde a adolescência manifestando interesse por antiguidades, sobretudo no campo das chamadas “artes decorativas”, tornando-se no mais mediático dos nossos colecionadores daquela época. Menos conhecido, mas bem documentado, foi o seu interesse comercial nesse domínio, numa atividade que ultrapassava as meras trocas comuns entre colecionador e agentes do mercado, financiando antiquários nacionais e estrangeiros, estabelecendo parcerias para a compra e venda de recheios ou peças, e promovendo a valorização de certas obras que vinha reunindo de forma compulsiva, como foi o caso do pintor Jean Pillement¹⁹.

¹⁶ Wilhelm Gurlitt, “Sammlung des Hrn. F. Cook zu Montserrat bei Cintra (Lissabon)” in *Archäologische Zeitung*, 1868, 86.

¹⁷ *Diário de Notícias*, 12 de dezembro de 1946, 3.

¹⁸ Maria João Neto, *Monserrate: a casa romântica de uma família inglesa* (Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015), 123.

¹⁹ O arquivo de Ricardo do Espírito Santo Silva esteve depositado no Centro de História do Banco Espírito Santo e possuía diversa documentação relacionada com esta atividade comercial, consultada pelo autor em 2014.



Naquele ano de 1946, Ricardo do Espírito Santo Silva projetava já criar uma fundação destinada a conservar e expor as peças de origem portuguesa ou relacionadas com Portugal que vinha reunindo, mantendo na sua posse o núcleo internacional da sua coleção, rico em arte francesa do século XVIII. O projeto começou a materializar-se no ano seguinte com a aquisição do Palácio Azurara, no largo das Portas do Sol em Lisboa, onde após obras de restauro e adaptação veio a ser inaugurado, em 1953, o Museu-Escola de Artes Decorativas Portuguesas. Ali colocou algumas peças provenientes de Monserrate, em ambientes decorativos por si concebidos, como foi o caso de algumas pratas e da grande mesa indo-portuguesa que ainda hoje se expõe no Salão Nobre daquele edifício (cat.24).

Grande apreciador de porcelana da China ao gosto europeu, possuidor de uma importante coleção e autor de estudos nesse domínio²⁰, adquiriu no mesmo leilão uma taça e um par de refrescadores de garrafas decorados com as armas dos Orleães, peças que se encontravam desde o século XIX sobre o fogão da sala de jantar de Monserrate. Não tendo integrado o espólio da fundação, ficaram na posse da família do colecionador, identificando-se em fotografias antigas de uma das suas residências, o Palácio do Sobralinho em Vila Franca de Xira.

Entre a assistência do leilão, e excetuando o contingente de diretores de museus que mais à frente daremos a conhecer, o *Diário de Lisboa* menciona ainda o nome do “Dr. Costa Gomes”, diretor do Banco de Portugal, não tendo sido possível apurar se fez ou não compras expressivas. A Leiria & Nascimento que ressurgiu em 2011 com a designação de World Legend, mas que pouco depois fechou atividade, não conservou os seus antigos documentos de faturação, dificultando sobremaneira a identificação dos compradores e a consequente circulação das peças. A investigação iniciada por Maria João Neto tem relevado todavia alguns nomes e o paradeiro atual de certas peças, podendo mencionar-se o caso do grande lustre da sala da música ou as duas arcas italianas (cassones) da sala do bilhar, adquiridos por Mário Baptista Coelho para um solar dos arredores de Braga, conhecido por Paço de Palmeira, onde ainda se encontram²¹.

Ricardo do Espírito Santo Silva com o presidente Craveiro Lopes e o cardeal Cerejeira na inauguração do Museu-Escola de Artes Decorativas Portuguesas, 1953. À direita, pormenor da mesa indo-portuguesa proveniente de Monserrate. © FRESS.

Mário Novais, fotógrafo, Sala de jantar (pormenor) com o par de refrescadores de garrafas e a taça em porcelana da China adquiridos por Ricardo do Espírito Santo Silva. © Estúdio Mário Novais, BAFCG.

Arca (cassone), madeira entalhada, Itália, séc. XVI (?) in *Paço de Palmeira* (ed. Banco Português do Atlântico, 1983).

²⁰ Maria da Conceição Amaral e Hugo Xavier, “Sinais da China na coleção do Museu de Artes Decorativas Portuguesas”, in *Património Cultural Chinês em Portugal*, ed. Vítor Serrão e Luís Filipe Barreto (Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2015), 157-163.

²¹ Maria João Neto, *Monserrate: a casa romântica de uma família inglesa* (Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015), 125.



António de Medeiros e Almeida ao volante de um Morris Cowley, c. 1926. Fundação Medeiros e Almeida.

Fatura das peças adquiridas por António de Medeiros e Almeida na sessão de 10 de novembro de 1946 do leilão de Monserrate. Arquivo Fundação Medeiros e Almeida.

CASA FUNDADA EM 1882		TELEFONE: 29498	
CASA LIQUIDADORA			
ANTIGO BAZAR CATÓLICO			
LEIRIA & NASCIMENTO, L. ^{DA}			
AGÊNCIA DE LEILÕES			
Rua do Ouro, 292, 1. ^o Esq.			
Lisboa, 10 de Novembro de 1946			
Est. ^o Sr. De Medeiros e Almeida			
\$	539	Quatro selos "Lisboa", marcos de pedras	133770
q	434	Guardancho quadrado quadrado de madeira	97707
q	216	Quatro de bronze "Palácio" pedestal de	
		massena verde	267707
q	208	2 Júpiter de bronze "Lisboa"	197707
q	224	Capelo oriental 4,20 x 3,20	267707
q	437	4 "Bacalhau" de madeira "Sportel"	367707
q	477	Urna de água benta	47707
q	650	Decorativa de officina esculpidas	70707
q	639	Planície formada por: vidro, cocada, sapin	
		pedra, sapin, pumha, amarelo, gualdura, etc	317707
			470107
			262107
			292107

Entre os compradores do leilão encontrava-se igualmente António de Medeiros e Almeida (1895-1986), um dos mais bem sucedidos empresários daquela época, tendo estado ligado, entre outros negócios, à importação de automóveis e ao arranque da aviação comercial em Portugal. Começou a adquirir antiguidades e obras de arte em meados da década de 1930, sobretudo pela necessidade de mobilar a sua primeira residência, mudando-se naquele ano de 1946 para uma grande moradia na rua Mouzinho da Silveira, numa fase em que as suas empresas tinham entrado em "velocidade de cruzeiro", apresentando consideráveis lucros²². No final dos anos sessenta, consolidada a sua vocação enquanto colecionador, decide ali criar uma casa-museu gerida por uma fundação com o seu nome, instituída em 1972 e franqueada ao público postumamente, no ano de 2001.

A Fundação Medeiros e Almeida conserva no seu arquivo as faturas da Leiria & Nascimento relacionadas com as compras então efetuadas pelo colecionador, num total de 19 lotes correspondentes a cerca de 50 objetos pelos quais despendeu a importância 577.610\$00. Entre eles contava-se a secretária dupla (partners desk) e a panóplia de armas da biblioteca de Monserrate, tal como porcelanas, pratos, bronzes, tapetes orientais, uma grande natureza-morta e quatro esculturas em mármore que integrará em nichos da sua nova residência. Mas a compra principal de António de Medeiros e Almeida foi um retábulo em alabastro com relevo representando duas cenas da Paixão de Cristo (Calvário, Ressurreição e Ascensão), peça do século XVI considerada um dos *highlights* do leilão e que custou a quantia de 170.500\$00, comissão incluída (cat. 2). Decorridos alguns meses, na sequência de uma solicitação governamental, cedeu o relevo pelo mesmo valor ao Museu Nacional e Arte Antiga, num processo que importa aqui dar a conhecer.

²² Maria de Ornelas Bruges de Lima Mayer, *Casa-Museu Medeiros e Almeida: o projeto de um homem. Da coleção privada a acervo público* (Dissertação de Mestrado em Museologia, FCSH-UNL, 2016), 22.

O RETÁBULO DA PAIXÃO DE CRISTO

A importância do leilão de Monserrate justificou a presença dos diretores de alguns dos principais museus do país, o que não passou despercebido ao *Diário de Lisboa*, assinalando os casos de João Couto do Museu Nacional de Arte Antiga, Diogo de Macedo do Museu Nacional de Arte Contemporânea, Luís Keil do Museu Nacional do Coches, Vasco Valente do Museu Nacional de Soares dos Reis, e Mário Chicó do Museu Regional de Évora²³. Figuras de relevo no âmbito da museologia e da história da arte daquele período, por eles passaram muitos dos processos de decisão em relação às compras efetuadas pelo Estado para os museus e palácios nacionais. Será todavia apenas uma instituição museológica a atuar no sentido de ver incorporada nas suas coleções determinada peça.

Por ofício de 12 de novembro de 1946 dirigido ao Diretor Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, o conservador do Museu Nacional de Arte Antiga, Augusto Cardoso Pinto, na ausência do seu diretor, chamava a atenção para um relevo, considerado um "primoroso trabalho do Renascimento italiano" (apurou-se depois ser norte-europeu) cuja aquisição interessava ao museu, "em razão de a sua coleção de escultura ser pobre e nela faltarem sobretudo peças representativas de escolas estrangeiras". O relevo havia sido ultimamente arrematado no leilão "por um particular", tomando o museu "a iniciativa de reservar o seu direito de preferência"²⁴. Tal medida estava enquadrada pelo decreto-lei n.º 20.985 de 7 de maio de 1932, no capítulo relativo à guarda e proteção de obras de arte e peças arqueológicas, ao estipular que "sendo a alienação feita em hasta pública poderá o Estado usar do seu direito de preferência contando que o efective dentro do prazo de quarenta e oito horas, a contar da data da alienação" (§ único do art. 7.º).

Duas cópias desse ofício serão enviadas no mesmo dia ao Diretor Geral da Fazenda Pública, para serem colocadas à consideração do Ministro das Finanças, com o seguinte parecer: "A peça de que se trata é, no entender dos técnicos, preciosa, não podendo considerar-se exagerada – antes pelo contrário – a quantia pela qual foi arrematada. É bem digna de figurar no nosso Museu de Arte Antiga"²⁵. O Ministro encarregará então o Diretor Geral de oficiar ao proprietário, comunicando a reivindicação do museu, o que ocorreu apenas a 21 de dezembro daquele ano²⁶. Na resposta, Medeiros e Almeida resistirá à entrega da peça, ao alegar que a disposição legal invocada "permite ao Estado usar, quando o tenha e para efectivar dentro do prazo de 48 horas, o direito de preferência nela referido, e não reservá-lo para ser depois considerado superiormente"²⁷.

O Ministro das Finanças, com base num parecer sobre o assunto efetuado pelo Diretor Geral, reconheceu por despacho que "o facto do pagamento se não ter podido fazer dentro do prazo legal parece suficiente para invalidar a opção" e determinou diligenciar-se junto do colecionador no sentido "de se obter amigavelmente a venda

²³ "O recheio artístico do Palácio de Monserrate está em leilão". *Diário de Lisboa*, 9 de novembro de 1946, 5.

²⁴ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, cx. 007, ofício de 12 de novembro de 1946. Agradeço à Professora Maria João Neto a cedência dos documentos que coligi neste arquivo.

²⁵ *Idem*, ofício datado de 12 de novembro de 1946.

²⁶ Arquivo da Fundação Medeiros e Almeida, ofício de 21 de dezembro de 1946.

²⁷ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, cx. 007, carta de 24 de dezembro de 1946.

UMA PEÇA PRECIOSA PARA O MUSEU DE ARTE ANTIGA



O sr. António de Medeiros e Almeida adquiriu, no leilão do palácio de Monserrate, um baixo relevo de mármore, com assunto religioso, e que é um primoroso trabalho do Renascimento Italiano. Como se trata de uma peça de arte de alto interesse para o Museu de Arte Antiga, que não pôde exercer o direito de opção, o comprador resolveu cedê-la pelo preço do custo. Deste modo, o precioso espécime vai ingressar nas coleções do Museu de Arte Antiga, tendo a resolução do sr. Medeiros e Almeida unânime do sr. ministro das Finanças, palavras do mais alto apreço.

Andrea Sabatini (atrib.), *Batismo de Jesus Cristo*. In *Catálogo do leilão de 17 de junho de 1950*, Leiria & Nascimento.

do objeto em causa, em condições equivalentes à opção, ao que, espera, possa anuir, atendendo a que o Estado o destina a um museu²⁸. De novo contactado no início de março de 1947, Medeiros e Almeida mostrar-se-á satisfeito em ver reconhecidos os seus direitos sobre o objeto, comunicando, em nome do interesse nacional, a cedência do mesmo pelo preço de custo, “apesar do sacrifício que para mim representa”. Notou todavia que, por circunstâncias alheias à sua vontade, “fez-se correr a versão de que eu retinha abusiva e indevidamente o objeto que legitimamente adquiri” solicitando que fossem publicamente esclarecidas as condições da cedência²⁹. Na sequência de um comunicado de imprensa, *O Século Ilustrado* publicou, em abril de 1947, a notícia da incorporação do relevo pelo Museu Nacional de Arte Antiga, considerando ter o gesto do colecionador “merecido do Sr. Ministro das Finanças palavras do mais alto apreço”³⁰.

Aparentemente alheio ao incumprimento dos prazos legais pelas instâncias superiores, o diretor do museu, João Couto, protestará em relação à notícia na qualidade de vogal de Junta Nacional de Educação, ao considerar que “a entrega da obra de arte ao Estado pelo arrematante resultou do exercício das disposições legais em vigor e não da prática de um acto generoso”³¹. Em ofício dirigido ao Diretor Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, temendo ver futuramente em causa o direito de preferência, propôs mesmo o desmentido da notícia, o que não veio a ter seguimento³². A burocratização dos processos de pagamento por parte do Estado, tornando morosas as operações de tesouraria, é que estava na realidade em questão, comprometendo o uso da lei.

INCORPORAÇÃO E DISPERSÃO

Mais do que a difícil entrada do relevo de Monserrate nas coleções do Museu Nacional de Arte Antiga, convém tentar perceber por que razão se atuou de forma tão cirúrgica neste leilão, optando-se por uma única peça quando o acervo oferecia outros motivos de interesse. As compras do Estado noutras importantes vendas públicas daquela época foram pródigas, podendo citar-se o caso da coleção Burnay onde se adquiriram em 1936 largas dezenas de obras de arte com destino aos museus e palácios nacionais, no valor de 2.165.000\$00³³, o mesmo sucedendo com a coleção Barros, vendida menos de ano após a de Monserrate, e para a qual foi autorizada uma despesa de 1.000.000\$00³⁴. Dado que a organização de ambas as vendas se arrastou longamente, os responsáveis museológicos dispuseram de tempo para efetuar as avaliações prévias com elaboração de pareceres e listagens das peças selecionadas, submetidos primeiro à consideração da tutela e depois autorizados pelo Ministério das Finanças. A urgência do leilão de Monserrate, com os diretores e conservadores de museus a tomarem contacto com o acervo no curto período de exposição dos lotes, terá portanto obstado à montagem de um procedimento semelhante.

²⁸ Arquivo da Fundação Medeiros e Almeida, ofício de 7 de março de 1947.

²⁹ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, cx. 007, carta de 12 de março de 1947.

³⁰ “Uma peça preciosa para o Museu de Arte Antiga”. *O Século Ilustrado*, ano I, n.º 484, 12 de abril de 1947.

³¹ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, cx. 007, ofício de 21 de abril de 1947.

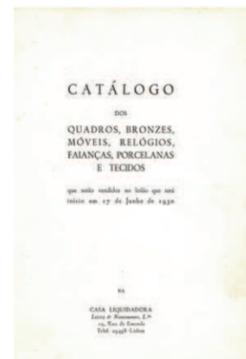
³² *Idem*, ofício de 25 de Abril de 1947.

³³ Giulia Rossi Vairo, “Crónica de um evento mundano: o leilão Burnay” in Henri Burnay: de banqueiro a colecionador (Lisboa: IPM, 2003), 69.

³⁴ João Magalhães, “O leilão da coleção Barros”. Sep. revista *Museu*, IV Série, n.º 14 (Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 2005), 171.

Para além do retábulo da Paixão de Cristo, o Museu Nacional de Arte Antiga incorporou com o passar dos anos outras peças com a mesma proveniência, por via de doações, depósitos ou aquisições, como foi o caso de um pequeno relevo do séc. xv com uma representação de Santa Catarina, provavelmente retirado do leilão de 1946 por não ter encontrado comprador (cat. 3)³⁵. Foi adquirido na mesma leiloeira em 1947, engrossando o importante conjunto de alabastros medievais ingleses do acervo daquele museu. Com efeito, algumas das peças retiradas ou adquiridas por negociantes para revenda, surgiram noutros leilões da Leiria & Nascimento, como foi o caso da grande tábuquinha representando o Batismo de Cristo que se atribuíra ao italiano Andrea Sabatini e que reapareceu na venda de junho de 1950, desconhecendo-se o seu paradeiro atual³⁶.

A dispersão das peças conheceu caminhos curiosos. No colégio S. João de Brito de Lisboa conserva-se a imagem de Santo António que pertenceu a outro ilustre habitante de Monserrate, William Beckford, devoto do taumaturgo português, e que Francis Cook terá adquirido num leilão em Londres, colocando-a na sua residência de Sintra (cat. 4). Foi legada àquele estabelecimento de ensino pelo pai de um dos seus alunos que eventualmente a adquiriu na venda de 1946³⁷. Um vaso grego em terracota com uma representação de Aquiles integrou a importante coleção de Manuel Vinhas, mecenas das artes e industrial no setor das bebidas, tendo sido talvez adquirido no mercado de arte lisboeta e não no leilão (cat. 44). Esta peça foi estudada e divulgada em 1959 por Maria Helena da Rocha Pereira que publicou pouco depois três outros vasos gregos da coleção Cook, então na posse do administrador da Fábrica de Loíça de Sacavém, Leland H. Gilbert³⁸. Na década de 1970 foram vendidos ao decorador e negociante de arte Joachim Mitnitzky, com estabelecimento comercial ao Chiado, ignorando-se hoje o paradeiro dos mesmos.



³⁵ Agradeço a Anísio Franco e a Maria João Vilhena Carvalho a identificação das peças na posse do Museu Nacional de Arte Antiga.

³⁶ Lote 28 do *Catálogo dos quadros, bronzes, móveis, relógios, faianças, porcelanas e tecidos que serão vendidos em leilão que terá início em 17 de Junho de 1950 na Casa Liquidadora Leiria & Nascimento, L.da.*, 10.

³⁷ Segundo José Alfredo da Costa Azevedo, o doador foi Mário Ferreira da Conceição Silva, nome que obteve após ter contactado o colégio por escrito. José Alfredo da Costa Azevedo, *Velharias de Sintra*, vol. IV (Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1982), 91. Maria Laura Bettencourt Pires refere ter contactado também o colégio, considerando ter sido a imagem “oferecida pelo pai do aluno Pedro Miguel de Quintela Emauz e Silva” que a teria “comprado por trinta mil escudos, em 1952, num leilão em Sintra”. Maria Laura Bettencourt Pires, *William Beckford e Portugal: uma visão diferente do homem e do escritor* (Lisboa: ed. 70, 1987), 219.

³⁸ Mara Helena da Rocha Pereira, “Notícia acerca de vasos gregos existentes em Portugal – II Parte” *Humanitas* 11-12 (1959), 11-31 e “Notícia sobre Vasos Gregos existentes em Portugal – III Parte” *Conimbriga* 1 (1959), 97-108.

Andrea Sabatini (atrib.), *Batismo de Jesus Cristo*. In *Catálogo do leilão de 17 de junho de 1950*, Leiria & Nascimento.

Vasos gregos (ânforas nolanas e cratera de colunas) provenientes da coleção Cook e publicados por M. H. da Rocha Pereira em 1959.



Regressando às incorporações do Museu Nacional de Arte Antiga, podemos assinalar ainda o grande vaso ao gosto islâmico produzido no sul de Espanha entre finais do século xv ou xvi, com características aproximadas a outros descobertos em Granada (cat. 47). Deu entrada a título de depósito no museu, em 1956, pela mão de um destacado arqueólogo e colecionador de origem arménia estabelecido em Nova Iorque, Hagop Kevorkian, não se sabendo em que circunstâncias o adquiriu. Ainda no campo da cerâmica merece destaque a garrafa em porcelana da China que integrou o legado do colecionador Francisco de Barros e Sá ao museu, em 1981, peça ao gosto chinês distinto do das porcelanas de exportação abundantes em coleções portuguesas (cat. 38).

Como referimos na caracterização global do acervo a leiloar, avultava um núcleo significativo de peças nesse domínio, identificáveis nas fotografias da época e que, tendo passado a outros proprietários, surgiram ultimamente no mercado de arte

Aquários, porcelana da China, reinado Qianlong (1736-1795).
© Cabral Moncada Leilões.

Mário Novais, fotógrafo, Sala de jantar (pormenor).
© Estúdio Mário Novais, BAFCG.



nacional, causando sensação. Foi o caso de dois aquários com decoração policromada “Doucai” transacionados em novembro de 2016 na Cabral Moncada Leilões que, seguindo a pista da proveniência “Monserrate” indicada pelos vendedores, publicou no seu catálogo uma imagem de 1946 da sala de jantar onde ambos se encontravam³⁹. Nas mesmas circunstâncias estará a jarra vendida em julho de 2017 no Palácio do Correio Velho⁴⁰, em tudo coincidente à que surge numa fotografia da sala do bilhar, possuindo o mesmo tipo de decoração da garrafa do Museu Nacional de Arte Antiga acima mencionada. A pujança do público comprador chinês tem feito valorizar internacionalmente este tipo de peças, o que se refletiu nos valores alcançados entre nós, estabelecendo records de venda em ambas as leiloeiras⁴¹. São os episódios mais recentes da dispersão do recheio de Monserrate que se procurou aqui historiar, atestando a qualidade das aquisições de Sir Francis Cook para o seu palácio de Sintra.

³⁹ Lotes 425 e 426 do leilão Antiquidades e obras de arte promovido a 26 e 27 de setembro de 2016. (Lisboa: Scribe, 2016), 194-199.

⁴⁰ Lote 55 do *Leilão de Antiquidades, arte moderna e contemporânea* promovido a 12 e 13 de julho de 2017 (Lisboa: Palácio do Correio Velho, 2017), 46-47.

⁴¹ Os aquários foram arrematados por €640.000 (exemplar marcado) e €250.000 (exemplar não marcado) respetivamente, enquanto a jarra atingiu os €470.000. A estes valores acresceram as comissões das leiloeiras.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a Madalena Cardoso da Costa, Maria João Vilhena Carvalho, Anísio Franco, Luís Montalvão, Diogo Lopes, Jorge Welsh, Joana Baião, Rita Manteigas, Palácio do Correio Velho, Cabral Moncada Leilões.



David Knights-Whittome, fotógrafo, Palácio de Monserrate, Sala de Bilhar (pormenor), 1905.
© PSML;

Jarra, porcelana da China, reinado Qianlong (1736-1795).
© Palácio do Correio Velho.